

As armadilhas para o real

Estudos analisam como são relações sociais nas obras de Clarice Lispector

Os textos de Clarice Lispector (1920-1977) são material vasto para deleite tanto de formalistas quanto de conteudistas, mas a recepção crítica, via de regra, tem preferência para analisar a forma aos aspectos sociais. Na contramão dessa linha, estão as teses de doutorado de Luiz Antonio Magalhães, *Lugar-comum e Percepção em Clarice Lispector*, e de Maria Angela Bacellar, *Clarice Lispector e as Figurações da Mulher* – projetos financiados pela FAPESP.

Se a obra toda de Clarice é um “romance de educação existencial” (termos do crítico Alfredo Bosi), e a palavra é importante para compreender os seus complexos e abstratos escritos, isso não é tudo. “O estudo das relações sociais não foi totalmente explorado pela crítica. A antropologia, a sociologia e a história são fundamentais para enfrentar o desafio interpretativo de uma obra tão rica como a de Clarice”, explica Magalhães, pesquisador de teoria literária da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Na obra de Clarice, donas de casa vivem os seus momentos de rebeldia, epifania. Observar essas personagens

e elaborar um roteiro de longa-metragem que privilegie a enunciação é o desafio de Maria Angela Bacellar, pesquisadora da área de cinema na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). “O narrador clariciano é de extrema modernidade e consciência, desprezar esse aspecto no cinema é negar uma parte significativa da revolução da escritora”, observa.

O primeiro desafio dos dois pes-

ali, fez referências a outros textos, como os de *Felicidade Clandestina*, *Onde Estiveste de Noite?*, *A Hora da Estrela*, *A Paixão Segundo G.H.* e as crônicas de *A Descoberta do Mundo*. “O lar é o local onde se enraíza o habitual, o costumeiro, como mostra Clarice. É o ambiente do sabido, do previsível, em que estão dispostos objetos que somem aos nossos olhos, porque habituados, já cegos de tanto vê-los. Mas eis que surge a



Clarice Lispector: donas de casa rebeldes em romances de crítica social sutil e oculta

quisadores foi selecionar o *corpus* do trabalho. Clarice deixou uma vasta obra, que abrange de romances, contos e crônicas a livros infantis. Magalhães resolveu expandir sua pesquisa para além do volume de contos *Laços de Família*. Ele analisou o romance *A Maçã no Escuro*, mas, aqui e

literatura para provar que pedra é pedra e reinventar a vida”, alerta.

Em *A Hora da Estrela*, livro publicado em 1977, temos a protagonista Macabéa. A carência da personagem é total: ela é descrita como feia; não é branca, nem preta, é pardacenta; tuberculosa; nordestina vi-

vido no Rio de Janeiro. Segundo o narrador, ela era “uma incompetente para a vida”, “tão jovem e já com ferrugem”. Macabéa reúne em si a pobreza econômica, física, intelectual. Esse contexto de miséria parece um prato cheio para incentivar uma leitura social, mas essa é uma armadilha que Magalhães quer evitar. Os pesquisadores, Magalhães e Maria Angela, seguem os conselhos críticos do mestre Antonio Candido: o social não deve ser tomado de fora, exteriormente, mas como fator da própria construção artística.

“O proselitismo dogmático é lamentável em qualquer esfera, sobretudo na literatura, cuja função é filtrar os céus da poeira ideológica tanto quanto possível. Não descarto a crítica feminista, que procura analisar a presença das figuras femininas, tão marcantes na obra de Clarice. Mas, por vezes, concordo que há exageros”, destaca Magalhães. “O trabalho de Olga de Sá, *A Escritura de Clarice Lispector*, já observou os caminhos e descaminhos, entre outros, desse tipo de crítica da obra de Clarice Lispector”, observa Maria Angela.

Clarice no cinema - Para Magalhães, as adaptações cinematográficas da obra de Clarice se nortearam por um viés realista. Embora elogie a versão de *A Hora da Estrela*, pelas mãos de Suzana Amaral em razão das belas e sensíveis interpretações, Magalhães faz suas ressalvas. “É difícil não perceber o quanto a obra perde em complexidade e densidade com a eliminação do narrador, Rodrigo SM, e de seu embate com a linguagem e a vida, com a linguagem como momento de vida e morte”, analisa.

A pesquisadora Maria Angela Bacellar concorda com Luiz Antonio Magalhães quanto à simplificação do roteiro ao eliminar os questionamentos do narrador. “Ao não enfrentar a questão do narrador, faz-se uma opção por um cinema convencional, clássico até. E o cinema é, ou

deveria ser, o palco privilegiado para a concretização de alguns procedimentos narrativos da literatura moderna, como o fluxo de consciência”, aponta. “Há pressões de mercado que impedem um tratamento alternativo da linguagem cinematográfica. Perde-se muito com isso, porque Clarice é antes de tudo uma escritora moderna, instigante. Desprezar



A jovem e enigmática escritora: suas personagens femininas vivem experiências-limite e são tidas pelos homens como loucas

esse aspecto é reduzir a sua obra a um romance do século 19”, observa Maria Angela.

Para preencher essa lacuna, Maria Angela diz estar fazendo um roteiro de longa-metragem “à margem do mercado e de qualquer tipo de convenção”. No projeto, ela se propõe a fazer a roteirização de dez contos de Clarice Lispector que apresentam mulheres como protagonistas. O que une tantas histórias são os perfis femininos. Trata-se da figura da dona de casa que, submetida a um cotidiano medíocre e banalizado, existencialmente se revela. Mulheres que vivem a experiência-limite e são tidas como loucas (é o caso de *A Imitação da Rosa*) que retornam à normalidade (*Amor*), rompem as convenções sociais,

abandonando a família (*Os Laços de Família*) ou têm um final de heroínas trágicas (como ocorre com a protagonista de *Os Obedientes*).

Maria Angela já havia trabalhado com adaptações cinematográficas em sua dissertação de mestrado, *A Chave – Uma Adaptação para o Cinema Baseado em Três Contos de Lygia Fagundes Telles*, defendida em 1995, na ECA-USP. Mas sentia que o desafio maior era o de fazer uma tradução intersemiótica em uma obra mais complexa, como a de Clarice. Antes de entrar nos roteiros propriamente ditos, Maria Angela faz um estudo minucioso de algumas traduções intersemióticas da literatura para o cinema, tais como: *A Hora da Estrela*, de Suzana Amaral, *O Corpo*, de José Antonio Garcia, e *Clandestina Felicidade*, curta de Marcelo Gomes.

Seria possível dar conta dos movimentos internos das personagens somente através de recursos visuais? Para conseguir atingir esse

estado, a pesquisadora tem se servido, sobretudo, das teorizações modernas do escritor e teórico Gérard Genette e tem se inspirado em várias produções de Ingmar Bergman. “Seus filmes são cinema em estado puro”, diz.

Mistérios de Clarice - A obsessão de Clarice pelo tema das relações familiares teria a ver com a sua própria experiência de vida, de raízes russas e judaicas, mas apaixonada pelo Nordeste brasileiro? “Escrever é procurar entender, reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador”, aspecto de autoconhecimento, como definia a escritora em várias de suas crônicas.

Como atestam os biógrafos,

Clarice Lispector nasceu em Tchetchnik, Ucrânia (ex-URSS), em 1920. “Cidade tão insignificante, que não cabe no mapa”, lembrava Clarice. Recém-nascida, veio para o Brasil com os pais, que se estabeleceram no Recife. Em 1934, a família transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde Clarice fez o curso ginasial e os preparatórios. Já na época da Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, causa polêmica com o seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*, recusado, na época, pela editora José Olympio. Publica-o, no ano seguinte, pela editora A Noite e recebe o Prêmio Graça Aranha. Em 1944, vai com o marido para Nápoles, onde presta ajuda num hospital de soldados brasileiros que integravam a Força Expedicionária Brasileira. Voltando para o

Brasil, escreve *O Lustre*, publicado em 1946. Depois de longas estadas na Suíça e nos Estados Unidos, a escritora fixa-se no Rio até a sua morte.

Esse misto de lugares, origens religiosas, influências, a sofrida perda da mãe aos nove anos, as viagens pelo mundo com o marido diplomata, essa vida itinerante te-

em potencial para escrever o que escreveu”, explica.

No cinema, algumas adaptações têm corrido esse risco. Maria Angela Bacellar ressalta o filme de Marcelo Gomes, que mistura ficção e biografia. “Trata-se de uma livre adaptação do conto ‘Felicidade Clandestina’, onde se mesclam referências biográficas, obtidas sobretudo na recente biografia *Clarice, Uma Vida que se Conta*, de Nádya Batella Gotlib (1995)”, explica.

A vida reinventada - Magalhães afirma que escrever algo novo sobre Clarice Lispector – uma das autoras mais estudadas de nossa literatura – é um desafio proporcional à obra. O crítico alerta para a necessidade de democratizar os textos de Clarice e relê-los sobre novos ângulos, sobretudo em tempos de globalização. “Uma obra rica, plural, como a de Clarice, tem sempre algo a render, porque engendra e dissemina sentidos que permitem enorme gama de exploração. Servindo tanto para ler o desencantamento do processo de globalização hoje, quanto esse mundo fundado num tipo de racionalidade que recalca aspectos como a sensualidade e sensibilidade, contrários à lógica”, acredita.

No momento, Maria Angela Bacellar finaliza os roteiros. Teremos novas adaptações da obra de Clarice em breve no cinema? “Pretendo, antes de mais nada, terminar a tese e defender o trabalho. Não me importo com o que vier além disso. Já tenho tido uma recepção positiva em seminários e entre pesquisadores, que acham instigante a proposta de roteirizar textos da Clarice, mas tenho plena consciência de que estou na contramão do cinema de apelo comercial”, explica.

Magalhães também redige a versão final da tese. Ele pretende publicar trechos do trabalho, no formato de artigos ou ensaios. E, mais do que isso, espera contribuir para “prolongar o máximo possível na inteligência e na sensibilidade dos que o lêem o impacto da obra de arte”, o que considera tarefa primeira do crítico. •

“Clarice Lispector, ao analisar o que estamos cegos de tanto ver, porque habituados, reinventa a vida”, diz Luiz Magalhães



GUSTAVO MOURA

OS PROJETOS

Lugar-comum e Percepção em Clarice Lispector

MODALIDADE

Bolsa de doutorado

COORDENADOR

LUÍZ ANTÔNIO MAGALHÃES - Unicamp

INVESTIMENTOS

R\$ 12.000,00

Clarice Lispector e as Figurações da Mulher

MODALIDADE

Bolsa de doutorado

COORDENADOR

MARIA ANGELA SILVA BACELLAR - ECA-USP

INVESTIMENTOS

R\$ 12.000,00

ria relação com a obra em que o tema da família aparece de maneira obsessiva? “Sem dúvida que sim. O movimento que talvez tenha vindo do estruturalismo de riscar a presença do autor da obra já vem sendo revertido. O processo de entender o autor real também pode ajudar muito a compreender a obra em si, o que está dentro e em torno dela”, fala.

Mas o pesquisador ressalta os perigos dessa via-crúcis entre autor/vida/obra. O risco é cair no biografismo, explicar a obra por fatos da vida do autor. “Coisas absurdas foram feitas no passado, como propor que a dicção ficcional de Machado de Assis vinha da sua gagueira ou a conclusão de que Augusto dos Anjos teria sido um assassino